
Editorial:

Corpos em diáspora: um convite para a literatura afrolatinoamericana¹

Camila Rodrigues Francisco

Pontifícia Universidad de Católica de São Paulo, Brasil

Lar é o lugar onde a gente se sente segura, protegida, acolhida, encontrada. Na busca por um lugar para chamar de lar, andei por lugares belos – como as cachoeiras da Serra do Cipó e da Chapada dos Guimarães; desafiadores – como a cidade-neblina com nome de Primavera onde nada me aquecia; acolhedores, inquietantes, ambivalentes - como o vento gelado que encontrava o meu rosto e a vista da igreja em ruínas que encontrava meus olhos quando caminhava pelas ruas talquinas².

Mila Rodrigues é o codinome desta que vos escreve, coautora do livro “Corpos em Diáspora”, publicado pela Editora Letramento em 2022. Trata-se de um compilado de poemas de duas mulheres negras, brasileiras, afrolatinoamericanas³ cujas caminhos se entrecruzam na abundante e gelada São Paulo, maior e mais populosa cidade do Brasil. A literatura criativa tem a potência de superar a realidade por prever transformações históricas segundo Doris Sommer, e as obras de autores e autoras afrolatinoamericanas evocam inspiração para sonhar, pensar, refletir e relembrar. A pesquisadora observa ainda a liberdade da escrita afrodescendente na América Latina – que se apresenta, para ela, pela “autoridade na autoria” - como algo fascinante.

Ainda para a autora, à despeito do peso da escravidão e da herança da servidão, a literatura afrodescendente comunica autodeterminação e um estilo próprio e quando pensamos nas particularidades histórica de nossa região:

Se o termo América Latina descreve alternância e tensão, Afrolatinoamérica amplia exponencialmente o limite das identidades improvisadas, porque uma peça extra prevê outra e outra mais. A escrita afrodescendente aproveita essas oportunidades polirrítmicas e sincopadas para compor obras complexas que improvisam jogos entre modelos reconhecíveis, ainda que agora porosos (Sommer, 2018, p. 385).

¹ Agradecimentos especiais ao editor por compreender a importância do tema neste espaço de produção de conhecimento, fomentando conexões; à escrita inspiradora de Claudio Rojas Jara, em sua resenha sobre drogas; ao olhar generoso para os textos do livro, de Amanda Souza; e à escuta atenta e comentários ao texto, de Augusto Ventura dos Santos.

² O parágrafo evoca trechos dos poemas “Lar” e “Flavia Luiza” presentes no livro “Corpos em Diáspora” (COSTA & RODRIGUES, 2022). Anuncia também a experiência da autora em intercâmbio estudantil no Chile, na cidade de Talca, em 2014, período no qual eram muito marcantes visualmente para nós, estrangeiros e estrangeiras, as destruições causadas pelo terremoto ocorrido no país em 2012. Serra do Cipó e Chapada dos Guimarães são regiões turísticas brasileiras em Mato Grosso e Minas Gerais, respectivamente.

³ Optamos neste texto por lançar mão deste campo teórico que conecta experiências distintas de territórios distintos (o afro-latino-americano), buscando garantir a singularidade de cada um. Vale ressaltar que esta é uma escolha que não é consensual dentro do pensamento antirracista ou mesmo dos movimentos negros brasileiros. Para citar um exemplo, a autora Mirian Santos em seu trabalho sobre as intelectuais negras na prosa negro-brasileira, apresenta como o termo “afro” representou uma homogeneização problemática das experiências das pessoas descendentes do território africano atravessadas pelo tráfico pelo Atlântico. Nesse marco, há uma estratégia política de mobilização e reivindicação do termo “negro”, especialmente no que concerne a experiência brasileira, do lugar de positividade de uma identidade outrora inferiorizada, subalternizada (Santos, 2018). Outro importante exemplo está em Lélia Gonzalez que, em diálogo com a psicanálise lacaniana em busca da autodeterminação, propõe uma ‘amefricanidade’ para descrever essa experiência que também não é latina, é ‘ladina’ (Gonzalez, 1988).

Torna-se profícuo destacar brevemente este marco afrolatinoamericano, que estamos lançando mão neste momento, como um marco teórico e político que transcende um marco territorial.

Mencionaremos duas obras icônicas para fazê-lo. A primeira publicada em 2018 intitulada “Estudios Afrolatinoamericanos: una introducción”, que tem como editores Alejandro de la Fuente e George Reid Andrews, reúne um compilado de textos de distintos autores e autoras com o objetivo de “introduzir o leitor em um campo dinâmico e em expansão como é o dos estudos afrolatinoamericanos” (De La Fuente & Andrews, 2018, p. 11). A partir do Terceiro Colóquio Internacional Afrodescendente realizado pela Corporação Amigos da Unesco em Cali, Colômbia em 2017, derivou-se a obra “Pueblos afrodescendientes en América Latina: realidades y desafíos” publicada em 2019. Teve como objetivo propor uma discussão acadêmica e política sobre a situação social, econômica e política da população afrodescendente da América Latina e do Caribe e assinam a autoria Marcia Alexandra Santacruz Palacios, John Antón Sánchez, Silvia Beatriz García Savino e Carlos Augusto Viáfara López.

No que concerne o marco teórico, os estudos afrolatinoamericanos tem reivindicado seu reconhecimento, nos dois últimos séculos, como um campo de pesquisa que articula a experiência da população afrodescendente na América Latina e o estudo das sociedades em que vivem tais populações, ainda que a experiência histórica do tráfico transatlântico e a formação social desigual e estratificada também pela raça nessas sociedades é anterior mas não questionada, observada ou debatida (De La Fuente & Andrews, 2018). Conceitualmente, a experiência afrolatinoamericana aglutina em si a diáspora africana nas Américas⁴.

O impacto desses estudos no marco político aparece nos documentos internacionais que adotam a terminologia, propondo novas pesquisas e articulando mobilizações políticas em distintos pontos do globo em busca da transformação desta realidade social desigual que se observa. Até 2024 estamos na Década Internacional de Afrodescendentes (2015-2024), decretada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, tomando como objetivos fundamentais o reconhecimento, a justiça e o desenvolvimento. O movimento de conectar as lutas da população afrodescendente em América Latina teve na Conferência Mundial de Combate ao Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata, ocorrida em Durban em 2001, um marco histórico. Nela foram discutidos os problemas que impedem que o povo afrodescendente disfrute de uma cidadania plena, produzindo uma desigualdade de caráter estrutural que se origina no período colonial, mas que se recria e se sustenta nos tempos atuais. A Década temática surge então como uma proposta de aprofundar tais discussões e entender os obstáculos que ainda se colocam para a garantia dos direitos das pessoas e das comunidades afrodescendentes (Santacruz Palacios *et al*, 2019, p. 32).

Em ambas as obras, postula-se a luta contra a desigualdade racialmente estruturada de bases coloniais e efeitos atuais mas também a contribuição afrodescendente para a humanidade; e uma destas contribuições está precisamente na questão cultural. Isso significa entrecruzar experiências de luta e resistência. Nesses termos, o reconhecimento que consta entre os objetivos fundamentais da Década Temática mencionada passa também por valorizar a inegável contribuição e o precioso legado de altíssimo valor intelectual presente nas diversas expressões afrodescendentes no campo cultural, e na literatura em específico (Santacruz Palacios *et al*, 2019).

É importante destacar também que nestas duas obras mobiliza-se o termo diáspora, apresentado pela pesquisadora Jennifer A. Jones nos seguintes termos: “O conceito de diáspora surgiu com a intenção de dar conta das múltiplas formas de dispersão forçada as quais foram submetidas a população judia; posteriormente, se ampliou para teorizar sobre o comércio de escravos africanos e as comunidades resultantes fora da África que, apesar disso, seguem interconectadas” (Jones, 2018, p. 702).

Mobilizamos a noção de deslocamento no título deste livro como um efeito estético do movimento: pessoas afrodescendentes, neste caso residentes em um local específico da América Latina que é o Brasil, seguem se deslocando,

⁴ Aqui, em debate com a nota de rodapé anterior, a eleição do termo afrodescendente, segundo estes autores, é uma resposta para a crítica do autor, Franz Fanon, de que o “negro” foi construído pelo branco – moderno, eurocêntrico, colonial (Santacruz Palacios *et al*, 2019, p. 37). Dessa maneira, a partir desse termo é que seríamos capazes – de maneira autodeterminada – de compreender a realidade afrodescendente das Américas, a partir da condição colonial, buscando superá-la e ressignificá-la. E nesses termos, foi necessário alargar o conceito, ao longo do tempo, para pensar as diásporas africanas contemporâneas motivadas por outras condições sociais, políticas e econômicas que não as do Atlântico Negro, como a experiência haitiana pra citar um exemplo (Francisco, 2019).

se identificando e daí decorrem também mobilizações afetivas de vários tipos, como mostram os textos. Tomar a categoria diáspora, portanto, como deslocamento e movimento, implica ampliar nossos horizontes de definição⁵.

Muitos escolhem sair de sua cidade em busca de novas oportunidades e novos sonhos e Laísa saiu de Salvador, capital litorânea da Bahia, levando na bagagem saudades, o sorriso das pessoas e a alegria da cidade. Nascida em Cuiabá, junto ao Centro Geodésico da América do Sul, encontro Laísa em São Paulo em 2015, cidade de noites frias de bater o queixo, de carros, pessoas de terno e goiabas brancas em abundância⁶. Na combinação entre coautoria - textos assinados ora por uma, ora por outra autora - com a narrativa autobiográfica, as andanças fazem pensar sobre o que motiva a saída, a partida ou a permanência. Em que medida seguimos nos sentindo forçadas a sair – ou a retornar – ao lugar do qual partimos? E que lugar é esse?

O convite para a coautoria nasceu de uma percepção de que eu e Laísa compartilhamos da mesma missão. Penso que todas as vezes que nossas canetas (ou dedos) encontram o papel (ou o teclado) elas cumprem o propósito de descrever sentimentos. Tenho dito que se a fala é performance, a escrita envolve um nível de exposição muito íntima da qual sempre me pego surpresa, incômoda, desafiada. No entanto, ousar compartilhar intimidades e intensidades em primeira pessoa, possibilita uma experiência especular e reflexiva ao meu leitor e leitora, que tem se tornado a cada comentário que recebemos sobre o livro, cada vez mais preciosa. Em outros termos: ao olhar pra mim, assim – forte, frágil, independente, carente, intimidante, acolhedora, o que quer que chegue aí – o que você vê de si?

Sommer aponta que as artes africanas e afrodescendentes sabem conciliar a distância entre África e o Novo Mundo escravizado através de um estilo que está em frequente movimento. Justamente por não serem bem recebidas para ficarem em um só lugar, tais artes se desenvolvem por contrapontos entre contradições, circulando entre perspectivas que se negam a fundir-se. Ainda a autora afirma que:

Os escritores não pedem permissão para usar os materiais e métodos disponíveis; o tomam. Ler em busca das decisões estratégicas permite apreciar de que maneira os escritores usam os temas que os afligem como matéria prima com a qual criar algo novo, algo que leve a marca da liberdade para gera um estilo e um selo pessoal. No simples ato de escrever já existe algum tipo de autonomia. As aflições identificam as vítimas da história como objetos da atividade de terceiros mas a formulação literária mostra as vítimas como sujeito da história desde o mesmo momento em que ela é relatada a terceiros com sua própria voz. Este ato envolve tomar liberdades. Os escritores são, portanto, agentes e embaixadores da liberdade, não porque escrevem, mas como o fazem. Dado que os efeitos da escravidão comumente vão do abuso físico a devastação psicológica, a sagaz iniciativa de autobiografar-se mediante a arte literária é um modelo poderoso e um motor de ativismo (Sommer, 2018, p. 389-390).

Divididos em quatro blocos, os poemas cujos trechos foram citados ao longo deste texto abordam temáticas presentes no cotidiano das autoras. A alquimia com as palavras tem como elementos as dores do racismo, do machismo e dos desafios evocados pelos lugares que transitamos⁷; e também as belezas, a cura, os sons, a felicidade que marcam estes dois corpos, produzindo enraizamentos profundos, ainda que temporários.

A redundância intencional proposta por Sommer mencionada anteriormente na discussão sobre autoridade e autoria, tem a ver com a perspectiva de tomar escritores e escritoras afrolatinoamericanas como representantes de grupos, períodos históricos e experiências, podendo ser a vanguarda de uma consciência coletiva. Em diálogo com essa perspectiva, Miriam Santos aponta que há uma agenda política nos escritos de mulheres negras, descrita por ela como intelectualidade. A partir da literatura, as narrativas negro-femininas reivindicam, questionam e intervêm na realidade social buscando desconstruir os lugares de classe, raça e gênero da mulher negra no Brasil (Santos, 2018).

⁵ Para maiores aprofundamentos, o autor Brent Edwards explora a diáspora por seu sentido historicizado e politizado chegando a uma genealogia do termo (Edwards, 2017).

⁶ Trechos dos poemas “Alegria da cidade”, “Memória” e “Abundância” (Costa & Rodrigues, 2022).

⁷ Na articulação entre o racismo e o sexismo, temos a hipersexualização da mulher afrobrasileira, que também aparece em nossos textos do livro – problema que é ampliado quando saímos do país, pois essa foi a imagem vendida sobre a mulher brasileira. Em Lélia Gonzalez, temos que essa é outra faceta do racismo; a mulher negra, em alguns dias específicos (como o Carnaval) é aceita e tolerada somente pelo seu corpo, quando na verdade opera aí outra forma de animalizar e objetificar corpos negros, operação característica do racismo (Gonzalez, 1984).

“Corpos em diáspora” não é uma obra acadêmica e ainda que uma de suas autoras trafegue com mais frequência pelos dois universos (o acadêmico e o literário) – e em alguns momentos busque colocá-los em uma encruzilhada ardilosa como a que faço com este texto – a intenção não é e não pode vir a ser a sobreposição de algum mundo sobre o outro.

A intenção que se faz a partir desta obra, neste marco que é um periódico acadêmico é pensar sobre como nos localizamos em termos das relações étnico-raciais, de gênero, de território, entre outras categorias de experiência⁸. E é também um convite para uma caminhada em direção ao encontro – de vivências, de línguas e linguagens, das autoras, leitoras e leitores, das experiências afrolatinoamericanas singular, de universos, de territórios físicos e não físicos, das travessias e atravessamentos. Ou ainda, os afetos que derivam – para ecoar as palavras de Manuel Zapata Oliveira, citado nos dois livros ícones mencionados – das rupturas e continuidades a partir destes dois corpos que se deslocam.

Referências consultadas

- Costa, Laísa & Rodrigues, Mila. (2022). *Corpos em diáspora*. Belo Horizonte: Letramento.
- De la Fuente, Alejandro & Andrews, George Reid. (2018). Los estudios afrolatinoamericanos: un nuevo campo. In: De la Fuente, Alejandro; Andrews, George Reid (Orgs). *Estudios afrolatinoamericanos: una introducción*. 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO.
- Edwards, Brent Hayes (2017). Os usos da diáspora. *Translatio*, (13), 40-71.
- Francisco, Camila Rodrigues (2019). *Trajetórias em diáspora: a experiência de universitárias haitianas de Belo Horizonte* (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Gonzalez, Léila. (1984). Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: Luiz Antônio Silva (Org.). *Movimentos sociais, urbanos, memórias étnicas e outros estudos*. Brasília: *Anpocs (Ciência Sociais Hoje)*, (2), 223-244.
- _____. (1988). A Categoria Político-Cultural de Amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, jan/jun, 92-93.
- Jones, Jennifer. Afrolatinos: Hablar a través de los silencios y repensar las geografías de la negritud. In: De la Fuente, Alejandro; Andrews, George Reid (Orgs). *Estudios afrolatinoamericanos: una introducción*. 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2018.
- Santacruz Palacios, M. et al. V. *Pueblos afrodescendientes en América Latina: realidades y desafíos*. Cali: Corporación Amigos de la Unesco, 2019.
- Santos, Alessandro O.; Schucman, Lia V.; Martins, Hildeberto V. (2012). Breve histórico do pensamento psicológico brasileiro sobre relações étnico-raciais. *Psicologia Ciência e Profissão*, (32), 166-175.
- Santos, Mirian C. (2018). *Intelectuais negras: prosa negro-brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Malê.
- Sommer, Doris. Libertades literarias La autoridad de los autores afrodescendientes. In: De la Fuente, Alejandro; Andrews, George Reid (Orgs). *Estudios afrolatinoamericanos: una introducción*. 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2018.

⁸ Pensar em termos de relações raciais é um marco importante dentro do pensamento antirracista brasileiro. Envolve pensar nas experiências de brancos e negros, tirando as análises da chave da inferioridade ou brutalização de um povo, reconhecendo também os privilégios e heranças que também estão envolvidos nos processos de colonização, escravização e seus desdobramentos e recriações históricas. Para ver mais sobre esse debate na Psicologia, visitar a produção de Maria Aparecida Bento, e o artigo “Breve Histórico do Pensamento Psicológico Brasileiro Sobre Relações Étnico-Raciais” de Alessandro Santos, Lia Schucman e Hildeberto Vieira Martins.